ROSTOS DE CRIANÇAS

ISBN: 9798310573093

Joinville-Le-Pont, 06 de maio de 2022- Sábado

“Seria bom se pudéssemos sempre escolher o clima que nos agrada!” Pensa Théo enquanto atravessa a ponte para embarcar no trem. “Poderia ser sempre primavera!” - Continuou, enquanto observa o amanhecer com aquele sol forte e quente refletindo no rio Marne. Este é o cenário mais comum nesta época do ano. O sol de primavera é sempre mais amarelo, e cria aqueles reflexos dourados intensos nas margens mais distantes. Este cintilar de sol, que bate nas pequenas ondas, atrapalha um pouco a visão mais ao longe, mas o que é possível ver de perto é encantador! O início de maio é especialmente bonito neste lugar, e Théo não consegue deixar de contemplar o rio e a sua beleza toda vez que passa aqui... A enorme ponte, de dois grandes arcos, que atravessa o rio em Joinville-le-Pont, parece maior que de costume hoje. Théo sempre gostou de atravessar essa ponte, admirando os praticantes de remo, com seus pequenos barcos remados de costas, que cruzam o rio como uma flecha. Lembra-se com nostalgia dos dias em que ele mesmo praticava o remo no clube Aviron de Joinville-le-Pont, e de como essa atividade o deixava feliz. Na metade da ponte, subitamente, uma dupla de remo treinando em seu pequeno barco, contorna rapidamente a ilha Flanac, deixando um rastro na água, que vai ondulando e ondulando, até alcançar um grande cisne branco que boia tranquilamente e, quando as pequenas ondulações o alcançam, elas o fazem balançar de forma bastante engraçada. Théo então dá um pequeno sorriso, mas discreto, como de costume dos franceses.

Joinville-Le-Pont é uma pequena cidade francesa, que fica localizada a sudeste do Bois de Vincennes, que é um bosque magnífico e enorme, com as mais diversas atrações como: parques, quadras de esporte, hipódromo, várias lagoas e até um zoológico. A cidade de Joinville é cortada pelo rio Marne, este, um rio tão majestoso e grande como o Sena que corta

Paris. Por seu tamanho e importância, o Marne é um dos mais significativos afluentes do Sena. Próximo a ponte de Joinville, foi construído um grande túnel-canal de quase 600 metros, para encurtar o trajeto dos barcos em quase 12 quilômetros. O túnel atravessa Joinville-le-Pont até o canal de Saint Maur, e depois de eclusas, desemboca no Sena. No meio do rio Marne e bem no meio da ponte, fica a ilha Flanac, com muitas casas, um clube de remo e canoagem, e uma escola de belas artes. O acesso a ilha é feito por escadas ou elevador, e não tem circulação de veículos. Do outro lado do bosque de Vincennes, a cerca de doze quilômetros, está Paris. Como Joinville é dividida pelo rio Marne, a cidade ganhou uma grande ponte, e daí seu nome: Joinville-le-Pont.

No entanto hoje, o destino de Théo é Paris. Mais precisamente a Boulevard de Sebastopol, onde trabalha em uma loja de bicicletas realizando reparos e vendas. Embora Théo tenha muito conhecimento e habilidades com bicicletas, esse não é um trabalho que se pode dizer que o deixa feliz. Tem os dias de trabalhar com prazer e os dias de se trabalhar por obrigação, e hoje, especialmente, é dia de obrigação! Este vazio de começo de dia, sem planos futuros, e após uma noite ruim, são coisas que o deixam bastante apático. Aos 25 anos, Theo sente como se a vida estivesse indo rápido demais, como se não houvesse tempo hábil para colocar seus planos em prática. Circunstâncias da vida o foram obrigando a tomar certas decisões das quais já se arrepende, mas parece que mudar o rumo de certas coisas não é tão simples como gostaria.

Enquanto caminha em direção à estação de trem, ele não consegue deixar de olhar para o rio Marne e se perguntar se um dia irá voltar a remar naquelas águas esverdeadas e tranquilas. A sensação de liberdade e satisfação que o esporte lhe proporcionava, e que era realmente incrível, parece cada vez mais distante e adormecida. Lembra das gargalhadas com os amigos, da água fria do outono que lhe jogavam com as

mãos quando errava a cadência da remada, coisa que ele sempre retribuía com um palavrão

Chegando na estação de Joinville-le-Pont, entra no trem RER A, e busca logo um assento próximo à janela a direita, de novo no andar superior como sempre faz. Ele vira a cabeça para trás, e olha através do vidro, e contempla a ponte que tantas memórias felizes lhe trouxe, e o rio com aquela vegetação incrivelmente bela em toda a sua borda. Árvores em que os galhos, repletos de folhas muito verdes, parecem estar fazendo uma reverência ao rio. Algumas, com suas pontas chegando a tocar a água como se estivessem a beijá-la. Olhando isso, um estranho sentimento, algo como uma tristeza sutil, o envolve, lembrando-o da paixão que abandonou.

Enquanto o trem se afasta de Joinville-le-Pont, ele encosta a cabeça na janela, fecha os olhos, e deixa sua mente vagar. Esta noite teve de novo um daqueles sonhos estranhos... Quase sempre que acontece, é o mesmo sonho. Tem sempre aquele lugar escuro como um porão, um lugar insalubre e triste, e é como se ele realmente existisse, mas nunca conseguiu lembrar de onde. Pensa que talvez seja uma lembrança de algum lugar que tenha visitado quando criança e tenha ficado apenas fragmentos. Tem também, sempre se repetindo, aquele rapaz, que parece bastante jovem, às vezes chorando, e em outros sonhos sorrindo, e às vezes, pedindo socorro, e então, vem fogo e depois gritos, e então ele acorda. É um sonho estranho e contínuo que o persegue a algum tempo. Nunca se sente bem quando tem estes sonhos, e sua mente parece ficar perturbada o dia todo quando os tem. Odeia esta sensação, e então, tenta pensar em coisas boas. Faz um movimento de chacoalhar rapidamente a cabeça como se quisesse espantar um inseto.

Chegando à Gare de Châtelet-Les-Halles, ele sai do trem e logo se encontra imerso na agitação de Paris. Ele sempre sai pelas escadas da Rua Rambuteau, vira à direita, e caminha

cerca de cinco minutos até a Boulevard de Sebastopol, observando as pessoas apressadas e os carros passando rapidamente. Às vezes gosta de alternar o caminho pela rua Pierre Lescot, por umas duas quadras. É um trajeto mais charmoso, e evita assim o movimento intenso da Sebastopol. Sempre percebe um contraste muito grande entre a tranquilidade do remo e, a agitação da cidade. Também gosta da agitação, mas a comparação entre estes dois mundos é gritante.

Ao chegar na loja, seu chefe já está lá: Senhor Simon, um homem de cerca de 50 anos já com barba grisalha desajeitada, e um cabelo que parece sempre estar precisando de um bom corte. Ele sempre está vestindo algum agasalho esportivo, seja calor ou frio, e hoje veste um agasalho azul com listas da Adidas e um chapéu marrom, que definitivamente não combina com a roupa, mas estranhamente combina com o Senhor Simon. Ele é o dono da loja que se chama “Au Magicien des Bicyclettes Vendas e Consertos”, e enquanto ele abre as portas, cumprimenta Théo com um grande sorriso.

Bom dia, Théo, tudo bem? - diz ele com voz rouca de cigarro, o que Théo responde com leve sorriso, já ajudando abrir as duas grandes portas da entrada, pintadas de verde-água, como toda a fachada da loja. A porta tem vidros com desenhos bem legais de rodas de bicicletas, dando assim a fachada um aspecto bem charmoso. Théo começa a trazer para o lado de fora as bicicletas novas que estão para venda, e faz um grande enfileirado de 30 bikes coloridas lado a lado, “uma exposição de arte” ele pensa! Feito isso ele se cumprimenta seus colegas de trabalho, que parecem bem animados em começar o dia hoje, e ele, com certo desânimo, lembra que ainda precisa finalizar a catraca de marcha da Bike de um cliente, cuja cara, ontem, ele não achou nada amigável.

Senta-se em sua bancada, rodeado por ferramentas e peças de bicicleta, pega a peça danificada e de imediato percebe o defeito: lá está! Rolamento quebrado. Típico! Coisa fácil para quem conhece o ofício. O sonho volta insistentemente a sua mente. Pensa no rio para espantar a lembrança do sonho ruim... Seu coração não está lá. Ele sabe que é hora de mudar, de encontrar um caminho que lhe traga alegria verdadeira, mas que fazer?...

Théo Gaumont mora a cerca de 5 meses sozinho, em uma pequena casa nos fundos da residência mais estranha e feia da Rue du Port. Talvez a casa mais feia de toda Joinville-le Pont. Essa casa, alugada logo depois do falecimento de seus pais, fora indicação de seu tio, que conhecia o proprietário. Apesar de toda a insistência do tio para que ele continuasse a morar com ele após a morte dos pais, Théo insistiu em morar sozinho. Os pais dele haviam morrido num trágico acidente de carro a 8 meses. Antes disso, moravam os três numa casa muito confortável, alugada na Avenue de La Plage. Théo morou nesta casa desde que se lembra: uma casa de dois andares com uma grande sala e três quartos e um quintal enorme onde jogava petanca com o pai aos domingos. Sua mãe era extremamente organizada e mantinha a casa tão arrumada, que se percebia sua insatisfação quando recebia visitas, porque visitas desarrumavam as almofadas do sofá. A residência atual dele em nada lembra a antiga moradia. Uma pequena casa nos fundos, com reboco externo caindo, chaminé precisando de limpeza e um quintal com mato crescendo sem preocupação. A casa principal a frente é tão malcuidada quanto a dele, mas tem um estilo da antiga “Art Déco”, e provavelmente já foi uma construção arrojada e bonita em outra época, mas que hoje em dia, infelizmente, está completamente abandonada. Trata-se de uma casa muito grande, de aparentemente 3 ou 4 quartos. Tem uma varanda na frente a céu aberto, com o guarda-corpo feito de dois tubos horizontais. A casa tem linhas retas, bem definidas, com volumes salientes nas portas e janelas. Théo não sabe ao certo, porque o proprietário nunca o convidou a entrar.

Senhor Goldin, o proprietário, é um senhor muito idoso, com cerca de oitenta anos, que usa uma bengala para caminhar. Ele anda curvado para a esquerda, com muita dificuldade, em passos lentos, e aparentemente sofridos. Apesar da idade avançada, Théo o encontra frequentemente indo comprar pão na padaria. Mas eles mal conversam. O velho normalmente apenas olha para Théo e balança a cabeça levemente soltando um grunhido que parece ser um bom dia. Algumas vezes Théo o encontrou, próximo ao pequeno portão comum que dá acesso a ambas as casas, parado com um olhar perdido. Perguntou se ele estava se sentindo bem, e o homem chacoalhou a bengala dizendo “Sim! Sim!” grosseiramente e se afastou. Segundo seu tio Gustave, que conhece bem o senhor Goldin, o velho ficou viúvo a 20 anos, e desde então nunca mais cuidou da casa. Talvez pela tristeza da perda da esposa, nunca mais se preocupou com a manutenção. A casa nunca mais recebeu uma nova pintura, e as janelas estão com várias venezianas de madeira quebradas e, o mato sempre cresce na entrada, o que deixa Théo extremamente irritado, porque pela manhã o mato está sempre úmido, e molha as barras de suas calças. Esta situação tem incomodado bastante Théo, que sempre esteve acostumado a uma casa bem-organizada e limpa. Pensa frequentemente em se oferecer para ajudar a arrumar tudo, mas o senhor Goldin sempre se mostra evasivo e grosseiro, não dando a Théo sequer condição de falar.

- “Eu até poderia ajudar a cuidar dessas coisas, mas ele é tão estranho que tenho medo de uma reação negativa. Melhor deixar para lá!” -Ele pensa.

Apesar de sua insatisfação com as condições da casa, Théo se conforma com a situação, pois o aluguel é acessível e a localização é conveniente para seu trabalho em Paris. Ele valoriza sua privacidade e independência, e é bastante reservado. Ainda está no processo de aceitação da morte dos pais, e é um sujeito de poucos amigos, que às vezes até parece amar a solidão, e então, não deveria se importar com o

aspecto da casa, mas, às vezes, não consegue evitar a sensação de descontentamento quando olha para a residência decadente ao redor de sua pequena moradia. Mesmo com os problemas da casa, ele mantém sua rotina diária de trabalho e tenta encontrar satisfação em outros aspectos de sua vida. Ele sempre se concentra em seu trabalho na loja de bicicletas, trabalho que domina com maestria, mas que não lhe traz alegria ou satisfação de fato. Está sempre sonhando com seu retorno ao remo, buscando uma maneira de equilibrar as coisas e encontrar um propósito mais significativo. Mas isto é difícil, porque precisa trabalhar para pagar as contas.

Concentrado na catraca da bicicleta Théo não percebe que Louise se aproxima e dá um bom dia bem ao estilo dela: quase gritando. Louise é uma moça muito bonita, de longos cabelos castanhos e olhos azuis. É atendente e caixa na loja, e tem este espírito incrivelmente descontraído que às vezes deixa todos um pouco constrangidos. Ela é efusiva e normalmente animada em excesso. Chega a ser teatral, mas todos gostam muito dela, mesmo que em alguns momentos eles queiram se enfiar embaixo de uma mesa qualquer, como no dia do aniversário de Théo quando ela esperou a loja estar cheia de clientes e começou a cantar “parabéns para você” envolvendo a todos e deixando Théo mais vermelho que um pimentão.

- Théo! - diz Louise- Hoje à noite vamos no La Felicitá tomar uns drinques. Vamos juntos? perguntou ela toda sorridente e animada.

- Ah! não sei Louise. – diz Theo meio desanimado. -Não dormi bem esta noite e tive uns sonhos ruins. Não estou muito no clima, não. Acho que prefiro ir descansar hoje. Além do mais preciso fazer a faxina da casa e lavar minhas roupas.

- Vamos cara! Insiste Louise - Hoje é sábado! Amanhã você pode dormir até tarde e fazer estas coisas!

_ Vamos sim Théo! _ grita Marcel, um vendedor, lá da frente da loja. - Vai ser legal!

Théo reluta um pouco, mas começa a desfazer a cara de mau humorado aos poucos até fazer algo com a boca que quase parece um sorriso... -Está bem, então vamos.

Louise dá uma tapinha amigável na cabeça de Théo, desmanchando o topete que ele leva tanto tempo para arrumar. Mas ele não se importa, passa mão pela cabeça tentando pentear os cabelos com os dedos, e volta olhar para aquela catraca, que agora parece ter ficado mais amigável. A ideia de uma noite divertida e descontraída começa a animá-lo

As 11:00 horas entra na loja o tal homem sinistro, dono da bike que Théo acabou de consertar. “Bem a tempo” -Ele pensa. Marcel atende ao homem que gerou tanta expectativa ruim em Théo, e ele começa a explicar o que aconteceu, e levanta a bicicleta para girar a roda movimentando os pedais, e Theo observa de longe que o homem fala alguma coisa para Marcel, e os dois dão uma gargalhada juntos, o que surpreende Théo, pois o homem acaba por se mostrar sorridente e simpático, e sai da loja agradecendo a todos. No fim das contas, tudo que Théo imaginou se mostrou o contrário, e então pensou em como precisava mudar hábito de julgar os outros pela primeira impressão. No final do expediente, ao meio-dia, Théo e seus colegas se dirigem ao La Felicitá, uma antiga estação, que hoje é um espaço com vários quiosques que vendem bebidas e comidas diversificadas, num ambiente jovial e descontraído. Fica localizado próximo a ponte de Bercy. Escolheram uma mesa perto do bar, e logo se acomodaram. Lá a música é alta, mas isso não atrapalha uma boa conversa, e o clima

despreocupado, e a animação do local com toda aquela movimentação de gente jovem, vai aos poucos deixando seus pensamentos sombrios de lado, e Théo começa então a se soltar um pouco mais. Louise pede um Aperò e Marcel pergunta se Théo o acompanha numa cerveja, o que ele responde prontamente que sim. Está bastante calor hoje e uma cerveja gelada vem bem a calhar. Enquanto bebem e conversam animadamente, Théo se sente acolhido pelos amigos e principalmente pela energia contagiante de Louise. Seus colegas de trabalho acompanharam todo o processo da morte dos pais de Théo, e mesmo que ele seja um rapaz tímido e quieto, todos gostam muito dele, e estão sempre tentando fazer com ele fique mais animado e consolado. Eles riem e contam histórias engraçadas do trabalho e brindam à vida. Aos poucos as aflições vão sendo esquecidas.

Joinville-Le- Pont, ,13 de abril de 1923- Sexta -feira.

No barracão do Atelier de decoração e cenários, dos estúdios CSJ, estão hoje 4 trabalhadores, e o barulho que fazem nas máquinas está ensurdecedor. Todos estão trabalhando para novos cenários de um novo filme, que começa a ser produzido, e o ritmo de produção nestas

ocasiões torna-se febril e empolgante. Na serra fita, está Jacques Feyder, homem de cerca de 40 anos na aparência, de aspecto elegante e nobre. Ele tirou o paletó e o chapéu, e dobrou as mangas da camisa branca que usa por baixo de um colete risca de giz, coisa que contrasta com o trabalho braçal que está fazendo. Percebe-se claramente que não se trata de um operário comum. Ele é o responsável pelos cenários que serão fabricados para um novo filme. No momento, faz os contornos das placas de cenário, que depois serão pintadas também por ele. Jacques é o realizador do novo filme que começará a ser produzido, e é um homem singular: já foi ator de teatro, atuou em vários filmes e realizou um longa-metragem de sucesso chamado “L’atlantide”. Sua esposa, Françoise Rosay, também está ajudando nos cenários. Ela usa um guarda pó todo manchado de tinta, por cima de um elegante vestido azul que vai até a altura dos joelhos, mostrando pernas muito bonitas e delineadas, e tem os cabelos curtos e charmosos da moda. Ela pinta, em um grande lençol, algo como uma janela: mas não parece ter muita experiência ou técnica neste tipo de arte, porque sua janela está bem estranha, com seus traços tortos e mal-acabados.

Apesar de não ter muito domínio da arte da pintura, ela o tem na arte da interpretação. Françoise é uma conhecida atriz do teatro e do cinema. Jacques e ela, definem os trabalhos da equipe, que é composta de mais duas pessoas: Eliott Bravary e Camille Floric.

Eliott Bravary é um rapaz de cerca de 25 anos, sujeito pacato e sempre disposto, com um grande sorriso amigável. Ele trabalha arduamente na montagem de uma escada de madeira que será parte do cenário que representará a casa dos personagens do filme. Eliott mora com os pais, logo depois do Cais do Marne. Ele está guardando dinheiro para casar-se com a jovem Juliette, com quem já namora há um ano. É um excelente marceneiro e carpinteiro e será o segundo filme que trabalha com Jacques Feyder.

Camille, é uma jovem viúva cujo marido, que era soldado, morreu na defesa do Forte Douaumont, atingido por mais uma dezena de tiros. Camille, na época era casada a 6 anos, e tinha um filho pequeno, chamado Ravel, então com 5 anos, que acabou se transformando num menino um pouco calado, com um olhar às vezes vago e triste. Camille pensa Ravel ser assim, talvez pela perda tão repentina do pai, de forma tão brutal. Mas o tal olhar de Ravel, era facilmente vencido quando fazia suas brincadeiras de teatro e encenações. Adorava fingir com amigos serem personagens famosos dos livros. Nestes momentos, o garoto sorria a plenos pulmões, e seu rosto irradiava alegria. Aos 31 anos Camille é ajudante geral nos estúdios, e faz qualquer serviço que lhe peçam. Não pode escolher. Seus recursos são escassos para manter a casa onde mora com o filho, que hoje está com 11 anos. Moram numa casa pequena do outro lado da Avenida General Gallieni, quase em frente aos estúdios. Ravel não vai muito bem na escola, e Camille por vezes é chamada na escola para ouvir que o menino brigou com colegas, ou desrespeitou algum professor, o que geralmente tem como consequência algum castigo físico. Teve uma ocasião, em que apanhou nas mãos com uma palmatória por ter resmungado qualquer coisa ao professor de matemática, e isso deixou Camille furiosa, porque é uma mãe protetora e amorosa, mesmo sendo rigorosa. Apesar de ter ficado revoltada com a atitude do professor, ela não ousou ir até a escola questioná-lo, porque isso seria ofensivo para com o professor, e ela acabaria prejudicando o seu filho, provavelmente. Apesar de ser um pouco problemático na escola, Ravel é um filho amoroso com Camille. Gosta de voltar da escola colhendo calêndulas na primavera, fazendo um pequeno buquê para presentear Camille, que sempre pergunta o que ele havia aprontado de errado para estar lhe agradando. Por vezes, deixa alguns bilhetes amorosos na cabeceira da cama de Camille. Ravel tem uma letra muito bonita, e se orgulha disso. Em geral, depois destes agrados, o menino faz algum pedido de algum presente como um chocolate, ou um novo brinquedo, e Camille acha graça. O garoto também colabora bastante com

a organização da casa, que apesar de ser uma casa simples, é confortável, com dois quartos, uma pequena sala e uma cozinha com um fogão a lenha, feito de ferro fundido, que além de servir para cozinhar, aquece a casa no inverno. A casa é extremamente limpa e arrumada, e Camille é muito exigente com a limpeza. Ele lava e guarda a louça do jantar, e aos sábados pela manhã fazem juntos o mutirão da limpeza geral, varrendo, passando pano, lavando roupas e consertando coisas quebradas. Ravel faz de bom grado as tarefas, porque gosta de ver a mãe sorrindo, e isso quase sempre é garantia de algum beijo ou um rápido afago na cabeça. Camille é doce e suave no trato com Ravel, mesmo sendo firme quando ele apronta suas peraltices. Às vezes conversam sobre o pai, e ela conta para ele alguns detalhes desconhecidos,
coisas que Ravel não teve tempo de descobrir por convivência. Sua lembrança do pai se resume a um homem gentil e simpático, que lhe afagava os cabelos e gargalhava alto, e uma incrível sensação de amor e segurança que ele proporcionava. A notícia da morte de seu pai foi como um fogo ardendo na garganta e, que lhe causou tanta dor e incompreensão e noites de agonia. Sentia raiva dos comandantes, acordava chorando com pesadelos e culpava os governantes e, na sua inocência, até o prefeito tinha culpa na morte do pai. Por vezes o menino e sua mãe visitavam o túmulo de Claude, no cemitério municipal de Joinvile le Pont, que foi enterrado com honras militares, como um herói. A Notícia da morte veio pelo mensageiro da prefeitura, que entregou a Camille, com um semblante desolado, o obituário preenchido a mão e um bilhete datilografado que dizia:

Prefeitura de Joinvile-Le-Pont, 08 de abril de 1916.

Cara senhora Floric, é com profundo pesar, que informamos que o Ministério da guerra da França nos informou o falecimento do cabo Claude Floric da Segunda Unidade de brigada Militar, ocorrido em 22 de fevereiro de 1916 em

Forte Douaumont-Vaux -França. O valente cabo Claude Floric faleceu bravamente em combate devido a ferimentos sofridos em ação. Pedimos as nossas mais sinceras condolências a senhora e à sua família nesse momento tão difícil.

Atenciosamente, A. Mermet

Prefeito

Naquele momento Camille deu um soluço profundo, mas chorou contida, em pé, ali na frente do mensageiro. Sentiu uma forte dor na nuca, e o chão aos seus pés pareceu balançar. Enxugou as lágrimas com as costas das mãos, buscando parecer forte, e perguntou ao mensageiro se ele sabia como o marido havia morrido. O mensageiro respondeu que Claude Floric foi atingido por mais de doze tiros enquanto tentava heroicamente defender o forte Douaumont, e que ele, fora um herói. Ele tocou as mãos de Camille, num gesto solidário e foi embora. Camille ficou olhando o homem indo embora pela rua, e mal percebeu, que enquanto isso, atrás dela, estava o pequeno Ravel, que mesmo sem ter entendido exatamente o que aconteceu, mas talvez por perceber a tristeza da mãe, já estava chorando.

Camille começou a trabalhar nos estúdios a apenas 8 meses, graças a Françoise, que a conheceu quando ela lavava roupas para fora. Esse trabalho era seu único ganha-pão e ela passava por muita dificuldade financeira. Com o fim da guerra, muitas mulheres ficaram viúvas e precisaram buscar um emprego para se sustentar e a família. Com isso a oferta

de mão de obra para trabalhos típicos femininos como empregadas domésticas, costureiras e cozinheiras aumentou bastante e muitas mulheres não conseguiam nenhum tipo de trabalho formal. Apesar de toda a crise do pós-guerra, o cinema é uma indústria que está em pleno desenvolvimento. Todos estão ávidos para assistir a qualquer filme novo que esteja estreando, e lotam as salas de exibição com suas roupas domingueiras elegantes e pomposas. Atores e atrizes são assediados o tempo todo e todos sonham com aquele mundo mágico que se apresenta nas telas de todo o país. Os Estúdios de cinema de Joinvile, onde Jacques Feyder começa seu novo filme, é o maior complexo de produção cinematográfica de toda a França, comparável apenas aos estúdios Hollywoodianos. Composto por sete grandes estúdios de filmagens, barracões de cenários repletos de todo tipo imaginável de objetos, fachadas em madeira de casas, hotéis, prédios, e outros de figurinos, com muitas costureiras trabalhando freneticamente, muitos escritórios, depósitos imensos de rolos de filmes e um enorme restaurante para os funcionários. É tão absurdamente gigantesco e completo, que um dos donos uma vez disse: “Se um diretor me pedir 50 litros de gasolina, um boné de tenente de infantaria romeno, três parafusos de madeira 40, e o busto de Cícero, entregaremos tudo isso a ele em três minutos.”.

Françoise, que havia simpatizado com Camille, exigiu do marido, porque ela sempre fora uma mulher determinada, que ele a contratasse como ajudante geral. Para Camille foi um alívio muito grande. Recebia uma pensão do marido morto, mas era um valor que dava apenas para a alimentação básica, e para todo o resto precisava trabalhar para ter o suficiente para uma vida digna. Felizmente, a casa onde morava fora

construída pelo marido. Tinham comprado um terreno com as economias de Claude, e um pouco de dinheiro que recebera na venda da casa de seu pai, quando este faleceu. Claude construiu uma casa pequena de dois quartos nos fundos, com a intenção de mais tarde construírem uma grande casa na frente do terreno. Agora, o sonho desta casa grande e confortável fica cada vez mais distante para Camille. Mas a renda extra, garantida todo mês pelo trabalho nos estúdios, trouxe tranquilidade e conforto para ela e o filho.

Trabalha das 8 da manhã até as 18:30 horas, com uma hora de pausa para almoço. Apesar da jornada longa, ela se sente feliz com o trabalho. Jacques e Françoise são patrões bondosos e gentis e o trabalho quase sempre é diversificado e divertido.

- Camille! Me ajude aqui por favor! - diz Françoise tentando manter esticado o lençol recém pintado. Camille se apressa em ajudar e elas estendem o lençol em um varal cuidadosamente, e Camila olhando a janela pintada a mão com um fundo que lembra árvores e montanhas como se estivesse olhando para fora de uma casa, diz com delicadeza: -Ficou muito bonito senhora Françoise! E imediatamente Françoise solta uma gargalhada que toma conta do barracão.

-Ficou horrível Camille! Não tente ser gentil! - e as duas começam a rir juntas.

- O senhor Jacques parece bem preocupado hoje, senhora Feyder. Aconteceu alguma coisa?! disse Camille fixando o olhar em Jacques que realmente está com uma expressão intimidadora enquanto escolhe algumas tábuas.

- Ele está preocupado com o novo filme, Camille! Ele vai fazer um filme que conta uma história pela visão de uma criança, mas estamos tendo dificuldades em achar bons atores para os papeis das crianças.

- Vai ser um filme sobre maternidade, Senhora?

- Não, Camille! -responde Françoise sorrindo- será a história de um menino que perde a mãe muito cedo. Um garoto de uns 10 anos, e que depois não aceita o novo casamento do pai.

- Estão fazendo testes, senhora?! perguntou subitamente, porque de imediato lhe veio à mente a figura do filho Ravel, que às vezes brincava de teatro com os amiguinhos e encenava tão graciosamente 'Fábulas de Jean de la Fontaine.

-Ah! Sim! Jacques quer fazer alguns testes na semana que vem. Ele vai colocar um anúncio no jornal "Le Petit Parisien" este fim de semana para três atores mirins: um garoto e duas meninas.

Camille ficou um pouco encabulada em perguntar se o filho poderia se candidatar aos testes, e Françoise, percebendo a sua relutância perguntou:

-Porque pergunta Camille? Por acaso está pensando em trazer seu menino para o teste?

- Sim senhora! – disse gaguejando um pouco. -Acho que o pequeno Ravel talvez possa se tornar um bom ator! Ele sempre brinca lá em casa de teatro com os amiguinhos, e claro, é meu filho, e as mães sempre acham que os filhos são